

## Falta povo onde não devia faltar

Executivos de grandes empresas brasileiras e de multinacionais têm nas mãos uma pesquisa que, do ponto de vista deles, só traz boas notícias. Sobram empresários no Congresso Nacional. São 134 na Câmara e 27 no Senado — 27,1% do total de 513 deputados e 81 senadores. O levantamento foi feito pelo escritório de consultoria Monte Castelo Idéias, que vasculhou os arquivos do Congresso atrás de dados que compusessem o perfil das duas casas legislativas. A pesquisa já chegou a gigantes como Shell, Banco Itaú, Andrade Gutierrez e grupo Norberto Odebrecht.

É um senhor pelotão, suficiente para derrubar qualquer proposta que lhes desagrade. É

deles que o governo depende para aprovar suas reformas constitucionais.

Olhada pelo avesso, a pesquisa também traz notícias para o trabalhador. Todas, no entanto, são más. Está faltando gente comum no Congresso. Em matéria de representação, as corporações vão muito bem, obrigado. Mas o povão substantivo, mesmo, não.

A pesquisa mostra que Câmara e Senado estão apinhados de parentes de outros políticos. Entre os 513 deputados, 95 (18,51%) são filhos, netos, irmãos ou casados com gente do ramo. No Senado, proporcionalmente, a parentada é ainda maior: 27, ou 33,33% dos senadores. O dado não é só curioso. Mostra a influência dos chamados politicões na formulação e votação das leis aprovadas ou rejeitadas no Congresso.

A famigerada bancada ruralista, composta pelos que pedem perdão para as dívidas dos agricultores com o Banco do Brasil, não foi mensurada. Mas se dimensionou outra, que a Monte Castelo Idéias batizou de bancada rural. Tem 93 deputados e 15 senadores. Possuem negócios no campo — grandes ou pequenos — ou são veterinários e advogados especializados em questões agrárias.

Também chama a atenção a quantidade de deputados e senadores que, além de currículo, têm folha corrida. Na Câmara, são 77. No Senado, 22. Em algum momento da vida, foram acusados ou processados por atividades ilegais. Alguns carregam suspeita de envolvimento com o narcotráfico; outros respondem por acusações de fraudes em formulários de Autorização de Internação Hospitalar. A bancada da saúde, aliás, composta por médicos e donos de hospitais, é numerosa na Câmara — 67 deputados —, mas inexistente no Senado.

Câmara e Senado têm outras peculiaridades, além das conhecidas. A Câmara é a casa dos ex-prefeitos. São 92 (17,9%). O Senado é a casa dos ex-governadores. São 29 (35,8%).

A geléia geral confirma pela metade a tese de que o Congresso é uma casa plural e, graças a isso, as maiorias, ali, flutuam de acordo com o tema da vez. Por conta dessa pluralidade, o governo está sempre rendido aos caprichos de seus aliados e até com eles precisa negociar, uma a uma, as suas emendas. Tudo isso é verdade. Mas o Congresso apresentado pela Monte Castelo é só meio plural porque não reproduz a sociedade coisíssima nenhuma. Bra-

silhão afora, nenhuma dessas corporações é maioria na estratificação social.

Os defeitos dessa representação estão na origem. Foi o eleitor dos cafundós do Brasil que a desenhou, com seu voto. Se é torta, a culpa é dele. Há, por exemplo, muitos professores no Brasil. Bem mais do que proprietários rurais, ex-prefeitos, ex-governadores ou parentes de políticos. Dados disponíveis nos governos estaduais sempre repisam que está nas secretarias de Educação o maior contingente de servidores. Mas nem assim existe uma bancada de professores no Congresso — e, do jeito que vai a educação, com todos os malogros e dissabores de quem vive de ensinar, seria bem melhor para o país que houvesse uma.

É muito bom que os empresários estejam representados na Câmara e no Senado. Em qualquer ramo da vida, não merece crédito aquele que generaliza. Da mesma maneira que nem todo sindicalista é incendiário, como diz o empresário turrão, nem todo empresário é *tubarão*, como alardeia o sindicalista malcriado. Mas, como os primeiros são muitos em Brasília, a batalha de interesses no Congresso será sempre desigual.